

TRÊS OU QUATRO PASSOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Rodrigo Oliveira Fonseca

Resumo

A análise do discurso tem fama de ser uma teoria difícil, o que deixa muitas vezes os alunos inseguros para, mais do que citar, produzir as suas próprias análises, ainda que na forma de um exercício, o que compromete sua autonomia de pesquisa e de reflexão. No curso de *Introdução à Análise do Discurso*, ministrado por mim na graduação em Letras, venho desenvolvendo desde 2008 alguns procedimentos para que os alunos possam apropriar-se desta teoria e das questões que ela suscita quanto às coerções sócio-históricas que envolvem a interpretação dos textos – sejam eles midiáticos, artísticos, administrativos ou políticos. Em três ou quatro etapas, ao longo do semestre, os alunos têm conseguido trabalhar com questões e objetos de análises que eles próprios trazem, facilitando a incorporação de princípios da teoria na forma de compreender o funcionamento social dos discursos.

Palavras-chave: ensino; análise do discurso; autonomia.

Introdução

Existem boas obras de introdução à análise do discurso. Algumas como *A Análise do Discurso: história e práticas*, de Mazière (2007), e *Conhecendo a Análise de Discurso*, de Freire (2006), exploram muito o aspecto da história e da epistemologia do campo teórico da análise do discurso. Considero que para alguém que apenas está passando por uma disciplina (eletiva) na graduação, e que não necessariamente trabalhará com esta teoria em sua monografia de fim de curso, o mais indicado seja ater-se aos princípios e procedimentos da análise do discurso. Justamente este é o título da obra que tenho utilizado como base do curso: *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*, de Orlandi (2001). E recentemente saiu outro livro que, nos próximos semestres, deverá servir de apoio, pois tem o mesmo perfil do anterior: *Análise do Discurso: fundamentos & práticas*, de Florêncio et al. (2009).

O curso começa com aulas expositivas e dialogadas, com base no livro de Orlandi. Após vermos os fundamentos da teoria, começamos a aprofundar alguns conceitos-chave a partir de análises – retiradas de artigos científicos ou trechos de livros.

Paralelamente às aulas, trabalho com os alunos um cronograma para irem montando um projeto de análise e a realização desta. O objetivo desse procedimento é exposto desde o início e tem contado com a total colaboração e concordância dos alunos: produzir uma apropriação, na prática, dos conceitos da teoria da análise do discurso, que, em resumo, caracteriza-se por um estudo de semântica sócio-histórica, calcado em procedimentos de análise dos funcionamentos sintáticos e enunciativos.

Metodologia

O primeiro passo solicitado aos alunos é a **seleção de um tema, de uma questão discursiva**, compreendida enquanto o levantamento de aspectos conflitivos/dissonantes na interpretação de um texto qualquer. Como se interpreta? Quais as condições de produção do sentido neste texto (quais os seus temas e os seus agentes, e quais os dilemas em torno dessa interpretação)? E o que também é uma pergunta que deve ser minimamente respondida nessa etapa do trabalho: qual a bibliografia sobre o tema?

Os trabalhos são apresentados numa aula específica, exclusiva – a quarta ou a quinta aula, num total de quinze, que compõem o total da carga horária da disciplina. Este primeiro passo configura uma avaliação, onde considero o conhecimento panorâmico do social e do político

por parte do aluno (quais são os conflitos em torno das interpretações daquilo que eles trouxeram?), assim como o levantamento de uma bibliografia básica sobre o tema.

No segundo passo os alunos devem, em aula específica, realizar uma **apresentação de recortes**, o que caracteriza a montagem de um corpus de análise, com sequências textuais que levem em conta e expressem a questão discursiva por eles proposta.

Essa aula ocorre em torno do nosso oitavo ou nono encontro, e também configura uma avaliação. Para efeito de obtenção de conceito, considero o quanto o aluno conseguiu apresentar elementos empíricos, concretos (de linguagem), do tema escolhido.

No terceiro passo os alunos entram em uma região mais complexa dos procedimentos analíticos, a **montagem de um corpus discursivo**. Os alunos têm que realizar o que chamamos de-sintagmatização do corpus empírico de análise. É um processo que demanda a “anulação do esquecimento enunciativo”, das evidências nas formulações. As perguntas que dirigem esse trabalho são: de que outras formas o que foi escrito poderia ter sido posto? De que modo a forma como foi dito influenciou na produção de sentidos? Quais os funcionamentos sintáticos e enunciativos mais significativos? O que está assertado e o que aparece sem estar assertado – ou seja, o que está sendo dito ali que depende de saberes não formulados diretamente naquele texto?

Nesta fase avalio o quanto o aluno conseguiu desconstruir o que chamamos fechamento simbólico dos dizeres, abrindo-os para outros dizeres e para outros sentidos possíveis.

Por último, configurando o quarto passo ou quarta fase do trabalho (e a quarta nota), os alunos vêm-se às voltas com a **compreensão do processo discursivo**. Têm de tentar responder como os sentidos são produzidos. Para isso, empreendem a “anulação do esquecimento subjetivo”, desconstroem as evidências ideológicas que presidem a interpretação dos textos. Que regularidades discursivas e sociais orientam a produção de sentidos por eles analisadas?

Desse modo, a última avaliação visa captar de que modo o aluno procedeu e considerou os funcionamentos discursivos, como ele conseguiu articular os aspectos simbólicos com o panorama social e político por ele apresentado (e enriquecido pela bibliografia temática).

Resultados e Discussão

Venho buscando aprimoramentos nesta prática de ensino. De fato, a bibliografia de Introdução à Análise do Discurso é rebelde no que diz respeito a orientações mais firmes quanto aos procedimentos de análise. Isto, entretanto é pertinente, pelo risco de se gerarem “receitas de bolo”. Cada análise deve mobilizar a teoria de um jeito peculiar. Os procedimentos devem sempre ser pensados e repensados em cima da questão discursiva e dos recortes textuais em tela. Ao mesmo tempo, os procedimentos devem ser explícitos, de modo a permitir que outro analista possa reproduzi-los, continuá-los e, se for o caso, alterar algum dos passos, agregando novas informações e questões.

Os trabalhos realizados demonstram diversidade temática e diversidade na montagem dos dispositivos de análise. Já foram feitas análises de publicidade de produtos de limpeza, por exemplo, em que a ideologia da mulher enquanto rainha do lar apareceu de formas variadas, mais e menos implícitas. Há o trabalho de um aluno que analisa a falta de silêncios no telejornalismo, a tagarelice, e suas implicações para uma interpretação frenética dos fatos. Uma aluna analisou a troca de mensagens em listas de discussão de pais que lutam pela guarda dos filhos, compreendendo novos e velhos imaginários sobre as figuras do pai e da mãe. Outra aluna trabalhou com a cobertura midiática do fechamento das escolas itinerantes do MST, contrapondo o valor semântico de palavras iguais na enunciação de sujeitos sociais

distintos. Um último exemplo é o do funcionamento dos parêntesis em capas da revista Nova, que desde a década de 1970 vem produzindo diferentes registros de interlocução com seus leitores (suas leitoras), um mais comportado/conservador e outro mais espontâneo/ousado.

No atual semestre, em que os alunos já apresentaram suas questões discursivas (1ª etapa), os trabalhos vão da polissemia em torno da importância do Mercado Público de Porto Alegre nos dizeres de vereadores às implicações do politicamente correto na passagem sinonímica do sintagma “aleijado” a “deficiente físico” e “portador de necessidades especiais”.

Considero que este seja um procedimento de ensino inovador para um campo teórico avesso à sua instrumentalização pelas disciplinas acadêmicas. Em termos de resultados diretos sobre as opções e o desempenho acadêmico dos alunos, pelo menos duas alunas em seus “TCCs” deram continuidade aos trabalhos apresentados, e pelo menos um aluno entrou no mestrado com um projeto em um campo teórico próximo da análise do discurso, a teoria da enunciação.

As limitações relacionam-se com o curto tempo disponível entre o início de uma reflexão teórica densa e o fechamento de um exercício de análise. Considero também que uma parte dos alunos acaba cursando muitas cadeiras ao mesmo tempo e prejudica a leitura dos textos solicitados e a busca de outros mais diretamente afins aos seus objetivos de análise.

Estes fatores me levaram a reconsiderar a separação entre 3ª e 4ª etapas. Passei neste semestre corrente a aceitar que o trabalho fosse concluído na 3ª, que já caracteriza um exercício em análise do discurso e não obriga os alunos a forçarem superficialmente um fechamento. Ao mesmo tempo, não há desestímulo para que cheguem ao final. O que fiz, e que estará à prova quando chegarmos ao final do semestre, foi separar as duas últimas aulas do curso para as apresentações da terceira e da quarta etapa dos trabalhos, que de qualquer forma (havendo ou não apresentação da quarta etapa) terão “peso dois” para critério de cálculo da média final.

Importante também salientar que a cada etapa os alunos são orientados a rerepresentarem a etapa precedente, já munidos dos comentários do professor e do olhar deles próprios sobre o tema e a teoria, que tende a se aprofundar ao longo do exercício.

Conclusões

Através de três ou quatro passos é possível desenvolver uma análise discursiva. Cada etapa demanda leituras específicas, uma demanda que acaba sendo sentida na pele pelos próprios alunos, que, com suas questões, são o foco deste processo. Deste modo, além da proposta de se trabalhar uma metodologia de ensino para um campo teórico complexo, trabalho também um procedimento que demanda autonomia por parte dos educandos.

Agradecimentos

Agradeço aos professores analistas do discurso que integram o departamento de Letras, que possuem uma produção sólida na área e se mostram sempre à disposição de colaborar e contribuir com este professor em processo de doutoramento.

Referências

- FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SOBRINHO; e CAVALCANTI. *Análise do Discurso: fundamentos & práticas*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- FREIRE, Sérgio Augusto. *Conhecendo a Análise de Discurso: linguagem, sociedade e ideologia*. Manaus: Editora Valer, 2006.
- MAZIÈRE, Francine. *A Análise do Discurso: história e práticas*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2001.